

# O ENSINO REMOTO EMERGENCIAL E A FORMAÇÃO EM PEDAGOGIA

## EMERGENCY REMOTE EDUCATION AND TRAINING IN PEDAGOGY

**Aline de Oliveira Costa Santos 1**  
**Edson Fernando Oliveira Silva 2**  
**Iana Assunção de Aguiar 3**

**Resumo:** O presente texto trata-se de um relato de experiência de professores que atuam no curso de Pedagogia em uma universidade privada de Salvador. O mesmo tem como objetivo principal destacar quais as possibilidades de aprendizagem e os danos do Ensino Remoto Emergencial (ERE) para a formação em pedagogia, pontuando os desafios que os estudantes vêm enfrentando neste processo. A coleta de dados foi realizada através de um questionário on-line, que abordou as especificidades do ERE, no que diz respeito ao acesso à internet e a equipamentos, bem como, aspectos referentes à aprendizagem nesta modalidade. A análise do instrumento citado revelou que o Ensino Remoto Emergencial promove a continuação do processo formativo, desconsiderando as necessidades culturais, econômicas e emocionais dos discentes, limitando as possibilidades de aprendizagem neste contexto de pandemia, marcado por obstáculos, desigualdades e transformações.

**Palavras-chave:** Ensino Remoto Emergencial. Formação. Pedagogia.

**Abstract:** This text is an account of the experience of teachers working in the Pedagogy course at a private university in Salvador. The main objective is to highlight what are the learning possibilities and the damages of Emergency Remote Education (ERE) for training in pedagogy, punctuating the challenges that students have been facing in this process. Data collection was performed through an online questionnaire, which addressed the specificities of the ERE, with regard to internet access and equipment, as well as aspects related to learning in this modality. The analysis of the aforementioned instrument revealed that Emergency Remote Education promotes the continuation of the training process, disregarding the cultural, economic and emotional needs of students, limiting the possibilities of learning in this context of pandemic, marked by obstacles, inequalities and transformations.

**Keywords:** Emergency Remote Teaching. Formation. Pedagogy.

Doutora em Educação e Contemporaneidade pela Universidade do Estado da Bahia. Mestre em Educação e Contemporaneidade pela Universidade do Estado da Bahia. **1**  
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1184392507888389>.  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6114-5196>.  
E-mail: olliveiracosta@gmail.com

Mestre em Educação e Contemporaneidade pela Universidade do Estado da Bahia. Graduado em Pedagogia pela Universidade do Estado da Bahia. Professor da Universidade Salvador. **2**  
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9358965659543483>.  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1056-9375>.  
E-mail: edsonnando@gmail.com

Mestra em Desenvolvimento Humano e Responsabilidade Social. Especialista em Educação Pobreza e Desigualdade Social e Psicopedagogia Clínica e Institucional. Graduada em Pedagogia. **3**  
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9947802526016566>.  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8642-030X>.  
E-mail: iaaguiar@hotmail.com

## Introdução

A disseminação rápida da pandemia do novo Coronavírus (COVID-19) marcou o ano de 2020, provocando uma profunda reviravolta na educação do mundo inteiro. No Brasil, as instituições superiores de ensino públicas e privadas tiveram suas atividades suspensas acatando as recomendações das autoridades competentes, já que professores e estudantes poderiam ser tornar vetores na transmissão do vírus.

Este cenário foi um convite à reinvenção, quase que coercitiva, pois o fechamento das universidades não poderia significar interrupção da aprendizagem. Partindo deste pressuposto, o Ministério da Educação (MEC) autorizou a substituição de disciplinas presenciais por aulas remotas, enquanto durar a pandemia. O objetivo da pasta é manter a rotina de estudos dos alunos criando possibilidades de ensino à distância (BRASIL, 2020).

A fim de mitigar os prejuízos causados nos processos formativos, o modelo de ensino remoto emergencial (ERE) foi adotado, sendo uma das opções ao enfrentamento da pandemia, no que se relaciona à educação. De acordo com Arruda (2020) as instituições superiores privadas definiram retorno às aulas, mediado por tecnologias rapidamente, e implementaram educação remota de maneira a diferenciar-se da modalidade EaD. Logo, ficaram resguardadas as especificidades da educação à distância e do ensino remoto.

Mascarenhas e Franco (2020) afirmam que as duas modalidades são distintas no cumprimento das atividades. A educação a distância possui aulas gravadas e ficam no sistema para que o discente estude no horário e local que quiser, com materiais e os conteúdos padronizados. Já o ensino com aulas remotas ocorrem com professores online e em tempo real da aula presencial, supõe interação entre os participantes e materiais exclusivos feitos pelos docentes que ministram a disciplina.

Assim, a proposição do Ensino Remoto Emergencial foi validada, se configurando como uma resposta educacional por meio das tecnologias, apesar das limitações que venham a conferir. A modalidade é uma importante iniciativa no sentido de considerar a excepcionalidade do momento e desconstruir possíveis imobilismos que possam comprometer o processo de formação, conforme afirma Arruda (2020).

Entretanto, a opção das universidades privadas pelo ERE reacende o debate sobre a questão do quem, não se limitando apenas ao como das práticas educativas. A ausência dessa reflexão incorre no risco de ampliação dos processos de mercantilização da educação superior brasileira, reiterando a lógica do comércio de diplomas e títulos, distorcendo o objetivo maior da formação acadêmica que é desenvolvimento do conhecimento.

A complexidade deste caminho foi vivenciada pelos estudantes de pedagogia de uma universidade privada de Salvador – BA. As disciplinas ministradas no ano de 2020 aconteceram remotamente, ou seja, as aulas foram realizadas através de uma plataforma digital da própria instituição com professores online, em tempo real da aula presencial, utilizando materiais exclusivos, construídos pelos docentes que trabalhavam com os componentes curriculares.

Essa alteração marca uma ruptura na formação universitária, pois se fragilizou uma cultura de presença em sala de aula, de apreensão de conhecimento, de compartilhamento de experiências, de formulação coletiva de debates, aspectos essenciais no meio acadêmico que devem ser abarcados por toda e qualquer formação que preza pela qualidade.

Assim, é preciso entender melhor este processo das aulas remotas. Neste sentido, o objetivo deste relato é destacar quais as possibilidades de aprendizagem e os danos do Ensino Remoto Emergencial para a formação em pedagogia. O presente texto pretende fomentar reflexões sobre o ERE, investigando a percepção dos estudantes de Pedagogia sobre esta modalidade.

A fim de atender ao que foi proposto, realizou-se a coleta de dados através de um questionário on-line, a partir da ferramenta *Google Forms*<sup>1</sup>, composto por perguntas fechadas, que abordou as especificidades do ERE, no que diz respeito ao acesso à internet e a equipamentos, bem como aspectos referentes à aprendizagem nesta modalidade.

Desse modo, o presente relato sequencialmente descreve os procedimentos metodoló-

---

1 Aplicativo do Google.

gicos e apresenta os resultados da experiência dos estudantes, do curso de Pedagogia, com o Ensino Remoto Emergencial, avaliando as oportunidades e obstáculos deste cenário.

### **Percurso metodológico**

Para alcançar o objetivo pretendido foi realizada uma pesquisa de natureza qualitativa, com base nas contribuições de Gil (2012), em uma Universidade privada localizada na cidade de Salvador- BA. Essa abordagem estabelece a necessidade do contato direto com o fenômeno investigado.

Nesta perspectiva, os estudantes escolhidos para fazer parte deste estudo cursam o 5º, 6º e 7º semestre de Pedagogia da referida instituição, totalizando 101 alunos matriculados e frequentes. A opção por estes sujeitos obedeceu aos seguintes critérios: proximidade de conclusão do processo formativo inicial e experiência na modalidade presencial para contrapor com a vivência na modalidade remota.

É importante ressaltar que a participação ocorreu de forma voluntária. Foram respondidos 56 questionários, aplicados de forma on-line, através da ferramenta *Google Forms*, o mesmo ficou disponível até o final do semestre e foi compartilhado nos grupos dos alunos que fizeram parte deste estudo, via *WhatsApp*, um aplicativo de mensagens para celulares amplamente utilizado pelos discentes.

O questionário foi fechado e, ou seja, contou com 06 perguntas objetivas divididas em três categorias: a primeira diz respeito ao acesso à internet e a equipamentos, a segunda buscou tratar das possibilidades de aprendizagem no ERE a terceira indicou aspectos que limitam a apreensão do conhecimento e marcam uma ruptura na formação universitária, considerando as oportunidades e obstáculos deste cenário.

A análise e interpretação dos questionários foram realizadas conforme a proposta de Gil (2012) agrupando as respostas fornecidas dos estudantes participantes do estudo indo além da leitura dos dados, verificando o que está integrado à informação. Logo, o tópico seguinte será dedicado a tratar das categorias anteriormente elencadas, buscando promover a reflexão sobre as possibilidades e danos do (ERE) para a formação em pedagogia.

### **Ensino remoto emergencial, formação e pedagogia**

Os questionários aplicados revelam que 57,4% dos estudantes de pedagogia usam com maior frequência o computador para assistir as aulas remotas, enquanto 42,6% usam o celular. É considerável o número de quem recorre ao aparelho para executar tal tarefa, o que nos leva a refletir sobre a empregabilidade do equipamento e para quais fins ele pode ser utilizado com qualidade.

O uso desta ferramenta em todo Brasil cresceu 3,1%, conforme aponta a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) realizada em 2018, porém a utilização do celular para os estudos deve ser vista com atenção, já que existem as limitações operacionais do aparelho e durante aulas é comum usar aplicativos e programas o que pode dificultar o desempenho do equipamento, bem como, a execução das atividades.

O fato de possuir equipamentos não garante o acesso ao ambiente virtual. Foi observado que 90,7% possuem internet a cabo e 9,3% tem cobertura de dados móveis, porém a qualidade da conexão, de forma geral, é apontada por 70,4% como regular, 16,7% a classifica como péssima e apenas 13% está satisfeita com o serviço oferecido. Isto significa ausência rede confiável, um dos elementos principais para o ERE, pois a qualidade de acesso promove a participação nas atividades síncronas e permite o uso dos recursos digitais em tempo real.

Outras dificuldades sobre acessibilidade tecnológica já tinham sido pontuadas no PNAD. A pesquisa revelou que em 2018, 45,9 milhões de brasileiros ainda não possuíam acesso à internet, entretanto, os dados coletados neste texto priorizou verificar como se realizava a conexão às aulas remotas e qual a qualidade da mesma para atividades síncronas que ocorrem seguindo os moldes do ensino presencial, mas, agora obedece ao estilo cada um na sua casa, de forma virtual.

É importante ressaltar que a inclusão digital nas universidades privadas, de grande porte, ocorre apenas nas atividades presenciais, ou seja, os alunos têm acesso livre a equipa-

mentos e internet quando estão no câmpus. Neste período de pandemia, a instituição que faz parte deste estudo, estabeleceu uma parceria com uma operadora de telefonia móvel a fim de beneficiar os estudantes com gigabytes de dados adicionais, o objetivo era viabilizar o acesso aos recursos de aprendizagem<sup>2</sup>.

Esta iniciativa está longe de resolver as questões relacionadas às desigualdades socio-digitais, pois muitos alunos perderam seus postos de trabalho durante a pandemia e estão em vulnerabilidade financeira, portanto não têm como custear o acesso à internet, visto que eles precisam priorizar seu sustento.

Dados do mapa do ensino superior no Brasil 2020, elaborado pelo Semesp (instituto ligado à entidade que representa mantenedoras de ensino superior de todo o Brasil) apontam que 21,3% dos alunos de instituições privadas são responsáveis por seus domicílios, ou seja, são chefes de família, bem como, 69% estudantes trabalham de carteira assinada, logo o desemprego devido às medidas de restrição deve impactar sobre o consumo de serviços, entre eles, a internet.

Na categoria que trata sobre aprendizagem no ERE, a análise dos dados apresenta que 77,8% dos estudantes avalia sua aquisição do conhecimento como regular, 18,5% como péssima e 3,7% como ótima. 80,8% dos alunos consideram que o Ensino Remoto Emergencial não proporciona a aprendizagem dos conteúdos trabalhados nos componentes curriculares.

O modelo remoto exige autonomia e disciplina, habilidades essenciais para se estudar à distância, pois o discente se torna o principal ator e responsável pela construção do seu conhecimento. A mudança do ensino presencial para o remoto ocorreu apressadamente e os estudantes não tiveram tempo suficiente para desenvolver a cultura de autogerenciamento. Esse processo não pode ser compreendido de forma simplista, não acontece do dia para a noite, precisa ser cultivado dialeticamente privilegiando a subjetividade e a objetividade.

Conforme a orientação de Martins e Almeida (2020) a educação deve ser pensada como um todo, em que não haja um único protagonista. Acredita-se num processo em rede, em que cada ator (o que age) possa também ser autor (o que cria) em determinado momento. Isso deve valer para todos que são importantes num processo de educação on-line: o estudante, o docente, o material didático, a ambiência formativa proposta pelo mediador, o ambiente virtual de aprendizagem, entre outros, de forma a integrar, em rede, a construção do conhecimento.

Os aspectos que limitam a apreensão do conhecimento e marcam uma ruptura na formação universitária, foram apontados pelos estudantes na última categoria pesquisada. Para 51,9% as questões socioemocionais, tais como: desinteresse, ansiedade, estresse é o principal fator que prejudica o processo de aprendizagem no Ensino Emergencial Remoto. A insegurança e necessidade de adaptações rápidas vêm produzindo nos estudantes esse estado de exaustão.

Cerqueira (2020) afirma que não podemos aceitar que a comunidade universitária adoça emocionalmente. Assim, o momento que passamos necessita de cuidados, e as disciplinas devem contribuir para um ambiente de trocas e não de punições psicológicas. Dessa forma, devemos considerar as especificidades do momento que vivemos, e as propostas devem atender os anseios dos estudantes, para que tenha sentido em meio ao caos.

Outros fatores também inviabilizam a possibilidades de aprendizagem na visão dos estudantes de Pedagogia: qualidade de acesso (46,3%); ausência de um local adequado para estudar (38,9%); baixa a interação durante as aulas (35,2%); falta/precariedade da infraestrutura física, como computador ou celular (24,1%); ausência de familiaridade com os recursos digitais (16,7%); dificuldade em manusear equipamentos (7,4%) e um número reduzido não possui limitações nesta modalidade (3,7%).

A qualidade de acesso novamente aparece como obstáculo relacionado ao ERE. É importante esclarecer que aqui não estamos falando da falta de acesso, mas de conexão a uma rede confiável que não vai sofrer constantes oscilações de sinal, capaz de comprometer as trocas durante as aulas e o uso de ferramentas digitais necessárias para a melhoria do processo de ensino.

Em relação à ausência de um local adequado para estudar considera-se que esta ques-

tão é imbricada com desigualdades sociais e estruturais existentes no país, pois grande parte dos discentes não dispõe de um espaço organizado para se dedicar aos estudos em seus domicílios, logo a manutenção da atenção fica comprometida. Geralmente, as casas têm poucos cômodos e muitos integrantes, o que provoca excesso de movimento e barulho.

Ao tratarmos da limitação referente ao espaço para o desenvolvimento das atividades acadêmicas, não podemos nos esquecer da relação entre espaço, no caso espaço doméstico, e as questões de desigualdade de gênero. Dados do mapa do ensino superior no Brasil 2020 apontam que há uma predominância de mulheres no curso de Pedagogia (92,5%) nesse caso, as alunas fazem um verdadeiro malabarismo para conciliar aulas remotas com as demandas domésticas.

Um número considerável de estudantes apontou que a baixa interatividade durante as aulas diminuem as possibilidades de aprendizagem. Nesse sentido, a educação remota precisa ser repensada e não pode ser resumida a instrução e o contato com conteúdos prescritos. O ERE surgiu rapidamente, marcado pelas tensões da pandemia, mas ele não pode desprezar a concepção que a aprendizagem ocorre de forma colaborativa, produzindo coletivamente sentidos e significados.

Martins e Almeida (2020) acendem um alerta que a educação on-line não pode ser compreendida exclusivamente pelas tecnologias digitais. Ela deve ser amparada pela interatividade, afetividade e colaboração, buscando a visão de que aprendemos qualitativamente nas trocas e nas construções conjuntas a fim de potencializar os debates, o pensamento crítico e a criatividade, que proporcionam o encontro de soluções para problemas contemporâneos.

Ampliando as reflexões sobre a falta/precariedade da infraestrutura física, como computador ou celular, é preciso acrescentar que ainda existe a problemática do compartilhamento desses equipamentos com outros membros da família, logo o uso é realizado, na maioria das vezes, de forma dividida comprometendo o tempo hábil destinado aos estudos e a execução de tarefas, que costumam ser volumosas no ERE.

Os dados sobre a ausência de familiaridade com os recursos digitais e a dificuldade em manusear equipamentos revelam que os estudantes de Pedagogia tiveram que se reinventar em um curto período de tempo, deixando de lado alguns métodos tradicionais. A falta das habilidades, seja com relação a máquinas ou programas, evidencia o caráter instrumental dos processos formativos no uso da tecnologia, ou seja, o foco é saber manipular determinada ferramenta, de forma imediata e superficial.

Partindo deste pressuposto, Tardif (2014) afirma que é preciso ofertar esses conhecimentos durante a formação inicial, pois a abordagem de diferentes estratégias é uma característica da educação. Assim, em qualquer tempo, é preciso construir uma relação com as tecnologias digitais através de um processo contínuo e inovador, integrando conhecimentos e demandas contemporâneas, a fim de explorar as especificidades e garantir o alcance dos objetivos.

As fragilidades encontradas no que diz respeito à capacitação apenas reforçam e aceleram o que já vinha sendo discutido: a necessidade de reestruturar e repensar a formação docente para atuar no mundo digital em que vivemos, onde a cultura virtual se estabeleceu de maneira irreversível, com impactos significativos na maneira como que se produz e se consome conhecimento.

Por fim, apenas um número reduzido não possui limitação para aprender nesta modalidade, logo o ensino remoto tem deixado suas marcas para o bem e para o mal. Para o bem, porque permite rotinas de estudo e encontros, ainda que sejam virtuais. Para o mal, porque repetem modelos massivos e subutilizam os potenciais da tecnologia na educação, causando tédio, desânimo e muita exaustão mental entre os alunos (SANTOS, 2020).

Assim, é imprescindível avaliar o momento, para que cada universidade possa deliberar sobre a melhor forma de agir, de modo a garantir um planejamento que compreenda preparação estrutural, formação de pessoal e inclusão, caso contrário, corremos o risco de vivenciar a fase do improviso na educação comprometendo, ainda mais, a aprendizagem no Ensino Remoto Emergencial.

## **Considerações Finais**

Neste período de pandemia, a paralisação das atividades presenciais, nas universidades privadas, não vem se traduzindo em interrupção das atividades educativas. Existe a necessidade de uma resposta educacional por meio das tecnologias, apesar das limitações que foram conferidas neste estudo, pois não existe um prazo determinado para o retorno das aulas presenciais e manter os alunos afastados das instituições não é uma alternativa, visto que é possível fortalecer, ainda mais, a divisão econômica, social e cultural do nosso país.

A partir da análise e interpretação dos dados foi possível identificar que o Ensino Remoto Emergencial não é transpor o conteúdo das aulas presenciais para o ambiente virtual. Pelo contrário, é necessário tempo, dedicação, acesso à internet, capacitação tecnológica, equipamentos e desenvolvimento de uma cultura de autogerenciamento a fim promover aprendizagens, experiências e descobertas.

As evidências confirmaram as fragilidades do ERE, implantado às pressas, sem considerar as múltiplas realidades brasileiras ou as reais condições de efetivação. Constatou-se o quanto os projetos educacionais precisam ser melhor concebidos, a fim de evitar o comprometimento da qualidade do ensino, o perigo da formação inócua, a precarização do processo ensino-aprendizagem, a exaustão dos estudantes.

Outro ponto relevante, destacado a partir dos resultados da pesquisa é a necessidade de repensar a formação inicial para o uso de tecnologias digitais, no curso de Pedagogia. Esse processo tem se mostrado incipiente, tendo em vista as dificuldades encontradas pelos estudantes no manuseio de equipamentos e programas. Torna-se urgente a superação da lógica instrumental no uso da tecnologia

A mudança é possível no ensino, o mundo não é, o mundo está sendo (FREIRE, 1996). Não se pode desconsiderar as oportunidades geradas pela pandemia no campo da educação, tem sido uma experiência única e motivadora de reflexões sobre o papel de currículos híbridos, que combinam atividades presenciais e remotas, síncronas e assíncronas, com uso de recursos digitais, através de propostas educacionais mais centradas na aprendizagem dos estudantes que incluem a capacidade de aprender ao longo da vida.

## Referências

AGÊNCIA BRASIL. **Mapa do Ensino Superior aponta maioria feminina e branca - Estudo mostra o perfil do estudante universitário brasileiro.** Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2020-05/mapa-do-ensino-superior-aponta-para-maioria-feminina-e-branca>. Acesso em: 22 jan. 2020.

ARRUDA, E.P. **EDUCAÇÃO REMOTA EMERGENCIAL: elementos para políticas públicas na educação brasileira em tempos de Covid-19.** *EmRede-Revista de Educação a Distância*, v. 7, n. 1, p. 257-275, 2020.

BRASIL. **Ministério da Educação.** Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/component/content/article?id=86441>. Acesso em: 22 jan. 2021.

CERQUEIRA, B. R. S. de. **Educação no ensino superior em tempos de pandemia.** *Olhar de Professor*, v. 23, p. 1-5, 8 out. 2020.

Freire, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 6.ed.5 reimpr. São Paulo: Atlas, 2012.

IBGE- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios - PNAD.** Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/17270-pnad-continua.html?edicao=27138&t=resultados>. Acesso em: 20 jan. 2020.

MARTINS, V.; ALMEIDA, J. **Educação em tempos de pandemia no Brasil: saberes fazeres es-**

colares em exposição nas redes. **Revista Docência e Cibercultura**, [S.l.], v. 4, n. 2, p. 215-224, ago. 2020. ISSN 2594-9004. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/re-doc/article/view/51026/34672>. Acesso em: 20 jan. 2021

Mascarenhas, A. D. N.; Franco A. do R. S. Reflexões pedagógicas em tempos de pandemia: análise do parecer 05/2020. **Olhar de Professor**, v. 23, p. 1-6, 23 set. 2020.

SANTOS, E. O. EAD, palavra proibida. Educação online, pouca gente sabe o que é. Ensino remoto, o que temos para hoje. Mas qual é mesmo a diferença? **Revista Docência e Cibercultura**. Notícias. 2020. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/re-doc/announcement/view/1119>. Acesso em: 22 jan. 2021.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. 16.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014

Recebido em 24 de janeiro de 2021.

Aceito em 18 de agosto de 2021.